

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Jandira Petry

**TICS E INSERÇÃO SOCIAL:
SEU USO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM COM ALUNOS
DE PERIFERIA**

Porto Alegre 2010

Jandira Petry

**TICS E INSERÇÃO SOCIAL:
SEU USO NA CONSTRUÇÃO DA
APRENDIZAGEM COM ALUNOS DE
PERIFERIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

**Orientador:
Prof. Dr. Leonardo Sartori Porto**

**Tutora:
Prof^a Me. Liseane Silveira Camargo**

Porto Alegre 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Profª Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

RESUMO

O presente trabalho tem como tema o uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação como um recurso para promover o processo de inclusão social de alunos de uma escola de periferia, facilitando o processo de aquisição da cidadania e do sentimento de pertencimento à sua comunidade. Discorre sobre as formas de usar a tecnologia como uma ferramenta auxiliar no dia a dia da sala de aula e investiga sua eficácia neste processo de aquisição da cidadania. Para isso, buscou-se o referencial teórico principalmente em Paiva, Lemos, Benevides, Valente e Almeida. O principal objetivo foi investigar como as TICs podem auxiliar no processo de inserção social de alunos de uma escola de periferia, contribuindo no desenvolvimento de sua cidadania. A pesquisa apoiou-se no estágio curricular desenvolvido numa turma de 4º ano de uma escola pública, localizada em um bairro de periferia de Novo Hamburgo, com alunos na faixa dos dez anos de idade. A partir da experiência evidenciou-se a necessidade de se contar com este recurso no trabalho com os alunos de periferia, pois mostra que o uso das TICs torna o conhecimento disponível a uma parcela da população até então excluída dele e facilita a inclusão social. Relata também sobre as dificuldades que ainda se apresentam nesta tentativa.

Palavras-chave: Tecnologia da Informação e da Comunicação, inclusão digital, inclusão social, cidadania.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	QUEM SOU	6
1.2	APRESENTANDO A ESCOLA E A TURMA	7
1.3	OBJETIVO DA PESQUISA.....	9
2	TICS E INSERÇÃO SOCIAL.....	10
2.1	O QUE SÃO TICS	10
2.2	O PROCESSO DE INSERÇÃO SOCIAL	12
2.3	AS TICS COMO POSSIBILIDADE DE INSERÇÃO SOCIAL	15
3	ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA USANDO AS TICS COM ALUNOS DE UMA ESCOLA DE PERIFERIA	19
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Registrar a trajetória de uma formação requer elementos que concretizem uma caminhada recheada de aprendizagens. No trabalho de conclusão de curso (TCC) dessa Licenciatura em Pedagogia, eu apresento uma reflexão do que considere relevante para a constituição dos conhecimentos relacionados entre as leituras teóricas e o cotidiano docente, mais recentemente da prática desenvolvida no estágio com meus alunos.

Primeiramente apresento um breve relato do contexto em que atuo como professora, a turma e o espaço escolar e o que me instigou a pesquisar e fazer da minha prática algo significativo e inovador, ressignificando a minha realidade e a dos alunos que atendo. Na segunda seção, desenvolvo uma análise sobre o referencial teórico que achei pertinente elencado ao longo de quatro anos de estudo e dedicação, articulando com a prática desenvolvida no estágio.

Por fim aponto o que considero evidências significativas sobre esse tempo e espaço de aprendizagem, e o quanto o uso das tecnologias foi importante para a realização dessa etapa da minha formação e como é possível se fazer presente no cotidiano escolar, facilitando e reencantando o olhar sobre a educação, por parte de todos os envolvidos que desejam aprender ao longo da vida.

1.1 Quem sou

Atuo no magistério há 18 anos. Iniciei como professora contratada na rede pública estadual, lecionando a disciplina de Língua Portuguesa para as séries finais do ensino fundamental. Isso foi possível porque na época cursava o curso de Letras,

que não cheguei a concluir. Depois que passei a ser professora nomeada, passei a atuar nas séries iniciais, de acordo com a legislação.

No ano de 2000, exonerei-me da rede estadual e ingressei na rede pública municipal de Novo Hamburgo, onde estou atualmente, lecionando para o 4º ano do ensino fundamental.

Trabalho 40 horas por semana, nos turnos da manhã e tarde. Pela manhã sou professora de apoio. Isso significa que passo por todas as séries/anos, pois, quando a professora titular está ausente por algum motivo, eu faço a sua substituição. À tarde tenho minha turma de 4º ano, com vinte e sete alunos, diariamente.

No passado, quando ingressei pela primeira vez na universidade, o fiz no curso Jornalismo, do qual realizei grande parte e que muito me agradou. Durante alguns anos da minha vida trabalhei em jornal e considero que tanto o curso quanto esta experiência profissional qualificam muito meu trabalho atual, como professora.

Em 2006, meus alunos (também uma turma de 4º ano) e eu tivemos um trabalho reconhecido nacionalmente. Com o projeto "Vale a pena prever o tempo"¹ recebi o Prêmio Educador Nota 10, da Fundação Victor Civita. O projeto foi inscrito na área da geografia, pois o regulamento assim o exigia, mas abrangeu várias áreas do conhecimento.

1.2 Apresentando a escola e a turma

A escola onde foi desenvolvida a experiência possui atualmente trezentos e sessenta alunos, distribuídos nos turnos da manhã e tarde. Seu corpo docente é formado por quinze professores. A escola conta ainda com o trabalho de cinco funcionários. Está localizada em bairro de periferia, atendendo a uma população, em sua maioria, carente de recursos os mais variados. São pessoas vindas de

¹ É possível acessar uma síntese do projeto no endereço eletrônico <http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/novo-hamburgo-tempo-bom-19oc-426660.shtml>.

outras regiões do Estado, que vieram, um dia, em busca de melhores condições de vida e que, no entanto, acabaram não encontrando o que esperavam, geralmente.

A escola possui bons recursos para o trabalho de seus professores, como, por exemplo, televisão, DVD, computador, projetor multimídia, aparelhos de som, retro-projetor, ventiladores, ar condicionado em algumas salas de aula, assim como quadros brancos, copiadora, impressoras, amplificador.

Tem um laboratório de informática, com dez computadores e em expansão nesse aspecto. Possui internet com conexão banda larga. Este laboratório tem um professor orientador e atende todas as turmas da escola, que ocupam o espaço semanalmente, acompanhadas também pelo seu professor titular. Igualmente o laboratório também pode ser usado pela comunidade em geral, dentro do horário reservado para esse fim.

A experiência foi desenvolvida numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental. A turma tem vinte e sete alunos, sendo dezesseis meninos e onze meninas, a maioria na faixa etária dos dez anos de idade.

O nível sócio-econômico dos alunos é baixo e têm todas as dificuldades de pessoas que moram em bairros de periferia. Seus pais são trabalhadores em fábricas de calçados, alguns desempregados, auxiliares domésticos, faxineiras, atendentes de lancheria, proprietários de bar no próprio bairro, cuidadoras de crianças na própria casa, comerciários, pedreiros, motoboys, alguns sobrevivem de pensão do INSS e outros, ainda, estão em regime carcerário.

1.3 Objetivo da pesquisa

Durante minha prática docente feita com alunos de 4º ano do Ensino Fundamental, um dos objetivos é fazer o estudo da cidade (neste caso a cidade de Novo Hamburgo) em seus aspectos histórico, geográfico, social, econômico e cultural, já que este é o objetivo geral do 4º ano.

No entanto, não basta que os alunos apenas conheçam sua cidade; é necessário que se sintam cidadãos pertencentes a ela e que possam ser pessoas atuantes no meio onde vivem. Meu objetivo, ao desenvolver o projeto com os alunos, é de levá-los à inserção social na comunidade, despertando sua capacidade crítica e fortalecendo questões éticas necessárias para a vida em sociedade.

Esta necessidade se mostra necessária principalmente porque os alunos demonstram não sentirem-se cidadãos pertencentes à sua cidade, pois quando saem de seu bairro na periferia para irem ao centro, por exemplo, dizem que “vão para Novo Hamburgo.”

Visto que a turma é bastante ativa e inquieta, percebi que seria necessário usar de recursos pedagógicos que tivessem impacto entre eles. Sabedora de que gostavam muito de usar o computador para jogar, resolvi usar e analisar a contribuição da Tecnologia da Informação e da Comunicação como um recurso para levá-los à inclusão social.

2 TICS E INSERÇÃO SOCIAL

2.1 O que são TICs

Segundo o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT, 2008) do Ministério de Ciência e Tecnologia, inclusão digital é a inclusão dos indivíduos na Sociedade da Informação, compreendendo a sua participação e acesso ao complexo e heterogêneo conjunto de bens, aplicações e serviços utilizados para produzir, distribuir, processar e transformar a informação. Inclui o leque de tecnologias que atendem às necessidades de informação e comunicação nas sociedades, consistindo os segmentos de telecomunicações, televisão e rádio, computadores (software e hardware), serviços de informática e mídias eletrônicas como a Internet, bem como o conteúdo destas mídias. Caracteriza-se por ações, programas, projetos e iniciativas que visam assegurar que cada indivíduo, inclusive aqueles com algum tipo de deficiência, tenham acesso e capacidade de usar as tecnologias de informação e comunicação (TICs), como por exemplo, computadores e Internet, e estejam, portanto, habilitados a participar e beneficiar-se da sociedade da informação.

Entende-se por TICs a abreviatura usada para Tecnologias da Informação e da Comunicação, cuja finalidade é reunir, distribuir e compartilhar a informação.

Estas tecnologias constituem tanto um meio fundamental de acesso à informação (Internet, bases de dados) como um instrumento de transformação da informação e de produção de nova informação.

As TICs constituem uma linguagem de comunicação e um instrumento de trabalho essencial do mundo de hoje. Mas representam também um suporte do desenvolvimento humano em numerosas dimensões, nomeadamente de ordem pessoal, social e cultural.

Com base na Infopédia da Porto Editora – Central de Conteúdos (INFOPÉDIA, 2004):

As TICs são um dos fatores potenciadores das profundas mudanças operadas no mundo. Com a aceleração na inovação e na dinamização da mudança, as TICs são hoje essenciais diante da globalização da economia mundial e dos fenômenos físicos e humanos em geral. Conseqüentemente, as escolas usufruem de apoio financeiro para o apetrechamento informático com ligações à Internet, incentivos à produção e aquisição de conteúdos educativos multimídia de qualidade, cobrindo todas as áreas disciplinares. Os objetivos são a obtenção de uma melhor qualidade do sistema educativo, capacitando os jovens para trabalhar em ambiente tecnologicamente avançado, pesquisando e selecionando a informação pertinente ao processo de conhecimento.” Então, “uma escola que não recorra, ou melhor, que não integre os novos meios informáticos, corre o risco de se tornar obsoleta. (PAIVA, 2002)

São exemplos de TICs: computadores, serviços de e-mails, sistema multimídia, internet, celulares, máquinas digitais, entre outros.

Como vemos, a tecnologia está presente hoje em nossas vidas através destes vários equipamentos eletrônicos, sendo praticamente impossível viver sem ela.

O nosso dia-a-dia está impregnado de tecnologia da informação e da comunicação, desde a hora que acordamos até a hora de dormir. Isso se dá através do computador, da Internet, da televisão, do rádio e no aparelho celular, por exemplo. A partir dela é possível conectar-se ao mundo virtual, ao tempo instantâneo, o aqui e agora.

A tecnologia está diretamente ligada ao desenvolvimento social, econômico e político de um país. Entre outras coisas, ela gera conhecimento. É um tema que fascina pessoas de diferentes idades. Enquanto algumas pessoas têm receio de viver nesse mundo cada vez mais tecnológico, existe uma geração que nasceu neste mundo e que deseja, cada vez mais, consumir e participar do que ele oferece. Lemos (2002) mostra a importância da tecnologia hoje:

Compreender as particularidades, complexidades ou mesmo a essência do fenômeno técnico, bem como seu papel na história da humanidade, não é um exercício fácil. Hoje, talvez mais que em outras épocas, a influência da tecnologia nas sociedades ocidentais tem um lugar capital dentre as

questões que emergem como prioritárias na contemporaneidade. (LEMOS, 2002, p. 27).

Na escola, as TICs são um elemento constituinte do ambiente de aprendizagem. Elas podem apoiar a aprendizagem de conteúdos e o desenvolvimento de capacidades específicas, tanto através de software educacional como de ferramentas de uso corrente. Permitem a criação de espaços de interação e trocas, pelas possibilidades de comunicação que oferecem.

Na atualidade, as TICs podem ser consideradas uma importante forma de inserção social e é sobre isso o tópico a seguir.

2.2 O processo de inserção social

Sergio Amadeu Silveira (2003), em um dos livros sobre exclusão digital no Brasil, fez a seguinte afirmação:

A exclusão digital ocorre ao se privar a pessoa de três instrumentos básicos: o computador, a linha telefônica e o provedor de acesso [...] a exclusão digital impede que se reduza a exclusão social [...] Sem dúvida nenhuma, é possível crer que com a maciça inclusão das pessoas na sociedade da informação teremos uma explosão das possibilidades da cidadania. (SILVEIRA, 2003, p. 18)

Aqui trago o conceito de Inserção ou inclusão social como um conjunto de meios e ações que combatem a exclusão aos benefícios da vida em sociedade, provocada pela falta de classe social, origem geográfica, educação, idade, existência de deficiência ou preconceitos raciais. Inclusão/inserção social é oferecer aos mais necessitados oportunidades de acesso a bens e serviços, dentro de um sistema que beneficie a todos e não apenas aos mais favorecidos pelo sistema em que vivemos.

Sociedade inclusiva é uma sociedade para todos, independente de sexo, idade, religião, origem étnica, raça, orientação sexual ou deficiência; uma sociedade não apenas aberta e acessível a todos os grupos, mas que estimula a participação; uma sociedade que acolhe e aprecia a diversidade da experiência humana; uma sociedade cuja meta principal é oferecer oportunidades iguais para todos realizarem seu potencial humano. (WIKIPEDIA, Adolph Ratska, 2010)

A modernidade pode ser descrita como um momento da história ocidental caracterizado por profundas transformações nas tradicionais formas de organização social e política, nos sistemas de produção e distribuição de riquezas e nas dinâmicas de produção e circulação de conhecimentos. De acordo com Arendt (2009),

O surgimento da sociedade de massas indica que os vários grupos sociais foram absorvidos por uma sociedade única [...]; com o surgimento da sociedade de massas a esfera do social atingiu finalmente, após séculos de desenvolvimento, o ponto em que abrange e controla, igualmente e com igual força, todos os membros de determinada comunidade. Mas a sociedade equaliza em quaisquer circunstâncias, e a vitória da igualdade no mundo moderno é apenas o reconhecimento político e jurídico do fato de que a sociedade conquistou a esfera pública, e que a distinção e a diferença reduziram-se a questões privadas do indivíduo. (ARENDR, 2009, p.50 e 51)

No entanto, apesar da evolução da ciência e da tecnologia, a modernidade continua reproduzindo problemas evitáveis como a fome, as doenças endêmicas, a miséria, os preconceitos sociais e o acesso à educação e à cidadania.

O Brasil é um país de grandes desigualdades sociais e a educação brasileira contribuiu até o momento para reproduzir essas desigualdades, principalmente com a grande diferença entre escolas públicas e escolas particulares.

A rede pública acolhe a maioria dos alunos, ao passo que a rede particular, elitista, é freqüentada exclusivamente pelas classes dominantes. Em 1996, o ensino público fundamental acolheu 29,4 milhões de alunos (88% do total de alunos), ao passo que o ensino particular recebeu apenas 3,7 milhões. No que diz respeito ao ensino médio, os setores público e particular acolheram, em 1996, respectivamente 79,5% e 20,5% dos alunos (INEP, 1996).

A qualidade da rede pública depende da política educativa desenvolvida no plano municipal, estadual e federal. As classes populares têm uma única escolha: a das escolas públicas municipais ou estaduais. As crianças são, às vezes, obrigadas

a sair do sistema educativo para inserir-se rapidamente no tecido produtivo e contribuir à sobrevivência econômica das famílias. Em 1990, 11% das crianças entre 10 e 14 anos trabalhavam no Brasil. (SABOIA, 1996).

O paradoxo no qual se encontra a situação educativa brasileira é perfeitamente descrito por Benevides (1996):

Pensamos numa educação avançando rumo ao desenvolvimento e à construção de uma verdadeira cidadania, mas permanecemos prisioneiros dos modelos culturais do parasitismo e da dependência colonial. Debates soluções convencionais que estorvam todo avanço. Esse paradoxo encontra sua explicação não na organização escolar enquanto tal, mas na cultura e na mentalidade conservadora de uma sociedade de tipo oligárquico. (BENEVIDES, 1996, p.22)

Numa tentativa de promover a cidadania e a inclusão social das classes menos favorecidas, o governo brasileiro tem desenvolvido inúmeros projetos atualmente. Esses projetos abrangem diversas áreas, mais notadamente na educação, como o Programa de Inclusão Digital.

A inclusão digital é tema que desperta a preocupação e interesse tanto do governo brasileiro quanto de ONGs (Organizações Não-Governamentais), empresas, escolas e igrejas.

A inclusão digital se dá a partir do momento em que as pessoas que não tinham acesso aos meios digitais, para a recuperação da informação, conseguem tê-lo, usando máquinas (normalmente computadores), “softwares” e redes (normalmente a Internet). Quando há acesso, e por consequência recuperação de informação, fica possível também a produção e disseminação de informações.

De acordo com o governo brasileiro, a inclusão digital favorece e auxilia a inclusão social e sobre ela veremos no tópico a seguir.

2.3 As TICs como possibilidade de inserção social

Para Costa (1988)², a questão da cidadania vem sendo colocada nas sociedades modernas com o advento do capitalismo. A autora resgata o sentido etimológico da palavra derivada da noção de cidadão. Covre (1991) atribui a origem da cidadania à *polis* grega, que era composta por cidadãos livres, com participação política contínua numa democracia direta onde esses cidadãos atuavam numa esfera privada (particular) e numa esfera pública (coletividade). Arendt (1999) aborda a origem da cidadania da *polis* grega ao liberalismo.

O conceito de cidadania tem origem na Grécia clássica, sendo usado então para designar os direitos relativos ao cidadão, ou seja, o indivíduo que vivia na cidade e ali participava ativamente dos negócios e das decisões políticas. Cidadania, pressupunha, portanto, todas as implicações decorrentes de uma vida em sociedade.

Ao longo da história, o conceito de cidadania foi ampliado, passando a englobar um conjunto de valores sociais que determinam o conjunto de deveres e direitos de um cidadão. Um dos aspectos no desenvolvimento da cidadania refere-se aos direitos sociais, que surgem com mais força no século 20 e estão relacionados à conquista de condições dignas de vida para os segmentos sociais e parcelas da população assalariada ou pobre. Os direitos sociais incorporam direitos trabalhistas, aposentadoria, garantias de acesso à educação e à saúde pública. As instituições mais importantes são estatais, tais como a previdência, escolas e hospitais públicos.

Saber manusear e usar os computadores disponibilizados nos espaços escolares é importante, principalmente se tivermos o objetivo de fazê-los tornarem-

² Trecho retirado do link http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000300014&lng=en&nrm=iso&tlng=pt <acesso em 13 de novembro de 2010>

Arendt H 1999. *A condição humana*. 9ª ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro.

Costa MD 1988. A cidadania dos trabalhadores informais: uma questão de política pública. *Serviço Social e Sociedade*. Cortez, São Paulo, n. 26.

Covre MLM 1991. *O que é cidadania*. Brasiliense, São Paulo

se um instrumento de empoderamento³ dos alunos, especialmente os de periferia, para o avanço no processo de desenvolvimento da cidadania.

O uso da tecnologia permite que os alunos e comunidades de periferia tenham maior facilidade de acesso à informação e ao conhecimento, informação esta de qualidade, o que muitas vezes isso não ocorre, já que se limitam à TV como única fonte de informação. Como experiência e parte do estágio desenvolvido no curso, meus alunos foram motivados a fazer uso de outros meios de informação e comunicação, como será relatado no capítulo destinado ao desenvolvimento da experiência aplicada.

Nesse contexto, as tecnologias da informação e da comunicação tornam-se um importante instrumento para o desenvolvimento do processo de aquisição da cidadania e para a mudança social. Neste aspecto, a recente implantação de telecentros instalados em escolas de periferia vem comprovar a necessidade das TICs como um importante fator de inserção social, pois, através delas, as comunidades de periferia estão encontrando uma nova maneira de adquirirem conhecimento, de se comunicarem e ou simplesmente de se entreterem, configurando a democratização do acesso à informação.

Na escola não poderia ser diferente. Se quisermos educar para a cidadania, auxiliando na democratização do ensino e no processo de inclusão social, precisamos fazer uso das TICs, pois “nesse caso, o sujeito passa a ser autor, e as tecnologias digitais apresentam diversas facilidades que permitem às pessoas serem autoras, produtoras e disseminadoras de conhecimento. (VALENTE, 2001, p. 13)

Numa linha construcionista, Martins (2003) afirma que alunos que usam recursos como computadores, internet, câmeras, além de materiais tradicionais para desenvolver atividades, encontram um sentido em seu cotidiano e conseguem formar uma opinião e expressar-se sobre os assuntos discutidos na comunidade em

³ Embora a palavra empowerment já existisse em inglês com o significado de “dar poder” a alguém para realizar uma tarefa sem precisar de permissão, Paulo Freire criou um conceito que seria derivado da ideia de libertação do oprimido, desenvolvida pelo próprio educador.

geral, permitindo que venham à tona seu cotidiano e suas impressões sobre o mundo.

A tecnologia virtual é um importante fator de inclusão social, especialmente para alunos e escolas com poucos recursos financeiros, pois se mostra como um recurso que permite a interação, rompendo a barreira do espaço geográfico. Por exemplo, podemos nos comunicar com crianças de outros lugares para discutir as diferenças culturais, ou mesmo visitar a nossa própria cidade e conhecer seus diversos pontos culturais sem sair da escola. Obviamente que não substitui o estudo “in loco”, neste caso, mas considerando que muitas vezes a escola e os alunos não dispõem de recursos financeiros para as saídas de campo necessárias, a tecnologia virtual vem suprir esta necessidade. Como afirma Almeida (2004),

O uso das TIC na escola poderia significar uma expansão do acesso à informação atualizada, promovendo e viabilizando o surgimento de comunidades colaborativas e de comunicação, capazes de ultrapassar os limites materiais tradicionais de instrução, estabelecendo novas relações com o saber, rompendo os muros da escola, articulando-a com outros ambientes produtores de conhecimento, podendo resultar em novos direcionamentos em seu próprio interior. (ALMEIDA, 2004).

Usando os recursos das TICs temos a possibilidade de trazer o mundo de forma interativa para a sala de aula, proporcionando a todos o aprendizado constante, o aumento do interesse e da motivação pelo conhecimento.

Evidentemente não basta somente usar os recursos tecnológicos para que os alunos passem a interessar-se pelos acontecimentos de sua comunidade, passando a ser agentes do processo histórico e não pessoas passivas diante dele. Mas o uso das TICs mostra-se como uma grande possibilidade de proporcionar a democratização do conhecimento, por meio do acesso às informações.

A tecnologia virtual pode proporcionar um contato entre o aluno e uma realidade que ele precisa conhecer, para que não seja excluído socialmente por falta desse conhecimento. É importante que os alunos tenham acesso a muitas informações sobre a realidade social e que essa realidade desperte as suas dúvidas e curiosidade.

Neste processo, os alunos constroem seus conceitos e avançam na compreensão e intervenção da realidade social, apropriando-se de sua cidadania.

3 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA USANDO AS TICS COM ALUNOS DE UMA ESCOLA DE PERIFERIA

Para registrar o desenvolvimento da minha experiência de estágio, neste capítulo serão apontados alguns elementos como a caracterização da turma envolvida e do espaço de uso, bem como atividades realizadas, e como estas informações ajudaram a compor a pergunta inicial, o que justifica as hipóteses e os resultados da prática.

Assim como Paiva (2002), eu também acredito que a necessidade do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação se faz presente, cada vez mais, no cenário educacional. Sua utilização como instrumento de aprendizagem e sua ação no meio social vêm se destacando de forma rápida, e metodologicamente se ampara no que Carvalho, Nevado & Menezes (2007) definem como arquiteturas pedagógicas.

Nesse sentido, a educação vem passando por mudanças significativas frente às TICs. Tanto que percebo a inclusão digital dos alunos como uma forma de inclusão social e levando em conta que a própria Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu o atraso digital como uma das grandes mazelas da atualidade, resolvi fazer uso de alguns recursos pedagógicos no trabalho desenvolvido com os alunos em sala de aula, inserindo as TICs para absorver e ressignificar o ato de estudar. Silva (2005) já dizia que a inclusão digital, “deve ser vista sob o ponto de vista ético, sendo considerada como uma ação que promoverá a conquista da “cidadania digital” e contribuirá para uma sociedade mais igualitária, com a expectativa da inclusão social “

A experiência docente a seguir relatada e contemplada na minha prática de estágio foi desenvolvida numa turma de 4^o ano, com vinte e sete alunos, no turno da tarde.

O nível sócio-econômico dos alunos é baixo e têm todas as dificuldades de pessoas que moram em bairros de periferia. Seus pais são trabalhadores em fábricas de calçados, alguns desempregados, auxiliares domésticos, faxineiras, atendentes de lancheria, proprietários de bar no próprio bairro, cuidadoras de crianças na própria casa, comerciários, pedreiros, motoboys, alguns sobrevivem de pensão do INSS e outros, ainda, estão em regime carcerário.

Pela realidade apresentada, o ato de estudar poderia ser compreendido como uma tarefa difícil, com uma conotação restrita ao assistir, mas, como docente, a mim tornou-se um fenômeno desafiador e peculiar. O uso das TICs vem como um elemento facilitador que proporciona um caminho mais curto à cidadania. No decorrer deste trabalho, será evidenciado o que julgo fazer parte desse fato.

Para isso fundamentei minha prática também no que Papert (1994) denominou de construcionismo, o fenômeno que acontece quando a construção do conhecimento se dá através do computador. A idéia principal é a de que a construção do conhecimento acontece quando o aluno está construindo algo de seu interesse e para o qual está bastante motivado.

Ainda, segundo Valente (2004), o uso inteligente do computador na educação é justamente aquele que tenta provocar mudanças na abordagem pedagógica vigente, ao invés de ser mero processo de transmissão do conhecimento.

Mas fazer uso da tecnologia virtual como uma nova prática pedagógica não é uma tarefa fácil, pois implica em mudar de postura e exige paciência. Não se consegue de uma hora para outra. Mudar está ligado à insegurança e medo do até então inexplorado.

Para nós professores essa mudança de atitude não é fácil. Estamos acostumados e sentimo-nos seguros com nosso papel tradicional de

comunicar ou transmitir algo que conhecemos muito bem. Sair dessa posição, entrar em diálogo direto com os alunos, correr o risco de ouvir uma pergunta para a qual não tenhamos resposta, e propor aos alunos que pesquisemos juntos para buscarmos a resposta – tudo isto gera um desconforto e uma grande insegurança. (MASETTO, 2000, p.142)

Como a turma era bastante agitada, foi necessário usar uma atividade que tivesse impacto entre eles e que também fosse desafiadora. Com a instalação de novos computadores na escola, intensificamos o uso desse recurso que vejo como pedagógico.

Assim, pensei em usar o ambiente do pbworks no trabalho com os alunos. No entanto, para isso seria necessário contar com a colaboração do professor/monitor de informática. A seguir transcrevo parte de um diálogo entre nós dois, que vem ratificar a citação de Masetto acima transcrita:

- Colega, pretendo passar a usar o pbworks com meus alunos. Você me auxilia?

- Como? Não entendi. Não conheço esse ambiente.

- Vou te mostrar o meu, que uso na faculdade, aí você terá uma noção.

Depois de explorar meu pbworks, ele disse:

- Me dá um tempo para que eu possa aprender primeiro. Vou procurar auxílio no NTE (Núcleo de Tecnologia Educativa) e semana que vem poderei te auxiliar, ok?

Passada uma semana, apresentei aos alunos o meu pbworks⁴ com o planejamento semanal das nossas aulas e os comentários da minha professora. A intenção foi mostrar que, assim como eles, também sou aluna com deveres a cumprir. Neste momento, ao ver a foto da professora, um dos alunos disse:

- Ué, mas tua professora é mais nova do que tu?

- Sim, é.

- Mas pode isso, a professora ser mais nova que o aluno?

⁴ Interface de autoria colaborativa usada na Licenciatura Pedagogia a distância, o Pead/UFRGS, como recurso na minha formação.

- Pode. Não é a idade que importa para ser professora e nem para ser aluna. O que importa é o quanto cada um já estudou.

- Ah, tá. Eu não sabia disso.

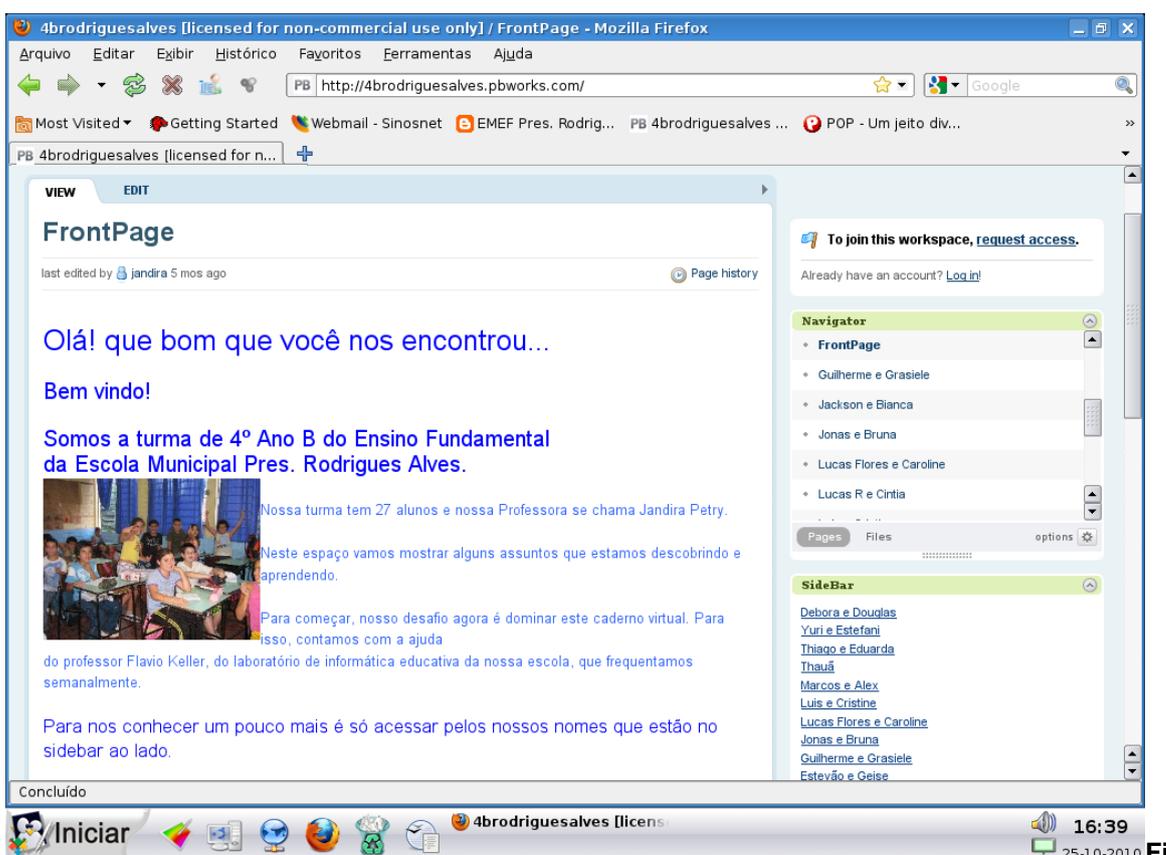
Neste momento, fica evidenciada uma nova aprendizagem, de caráter tecnológico e de comunicação, um suporte para auxiliar na compreensão e um novo conceito de cidadania passa a ser incorporado, contribuindo no processo de inserção social. Mais tarde, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer pessoalmente a referida professora.

Com uma nova informação oportunizada pelo uso da tecnologia (a foto da minha professora no pbworks) um novo conhecimento passou a fazer parte do cotidiano destes alunos, pois até esse momento eles tinham a concepção de hierarquia social onde a idade é que determina quem está acima ou abaixo na hierarquia. Através da foto da professora eles descobriram que no caso da docência é o conhecimento que estabelece a hierarquia, facilitando assim a compreensão da sociedade na qual estão inseridos.

Igualmente, durante as aulas no laboratório de informática, os alunos manifestavam-se surpresos com a troca de ajuda entre mim e o professor responsável pelo espaço, ora eu solicitando sua intervenção, ora ele me pedindo algum esclarecimento. Isso vem denotar que para viver em sociedade é preciso contar com a colaboração de todos, num ambiente colaborativo, neste caso propiciado especialmente através do uso das TICs.

Com este exemplo, no decorrer das aulas os alunos foram aos poucos aprendendo a colaborar com seus colegas, auxiliando-os a encontrar as informações pertinentes ao estudo realizado na internet, ou a manusear as ferramentas do computador. Quando algum deles encontrava algo que lhe era interessante, logo compartilhava o site (“saite”, como escreviam) com os demais. Diferentemente do início do ano, quando cada um queria trabalhar sozinho num computador. Aprenderam que trabalhar coletivamente trazia melhores resultados, e isso é que ficou entendido pelo grupo como uma importante característica de ser um cidadão: ser cooperativo na sociedade.

Os alunos ficaram encantados com o “caderno virtual” e manifestaram interesse em ter algo semelhante. Nesse momento, eles mostraram interesse em usar esse espaço. Assim, criamos o pbworks da turma e nesse ambiente virtual, o www.4brodriguesalves.pbworks.com, todos os alunos, em duplas, têm sua página e nela estão registrando suas reflexões, revelando suas aprendizagens. Está, a meu ver, criado um elo que contempla mais uma ação cidadã por eles e por mim, o que denota a inserção no mundo digital, facilitando a inclusão social.



gura 1: página inicial do pbworks da turma

Na *front Page*, eu e o professor/monitor de informática estabelecemos a apresentação da turma. Depois, criamos uma página para cada dupla de alunos, inclusive com suas fotos. Os alunos então começaram a usar este ambiente virtual com uma apresentação sua. Obviamente nada disso foi fácil de ser realizado, pois eu ainda não dominava plenamente o recurso e o professor/monitor de informática o desconhecia. Os alunos também demonstraram bastante dificuldade e lentidão em escrever com o teclado. Assim, suas pequenas apresentações exigiram várias horas

no laboratório de informática e muita paciência de nossa parte, orientadores, para atender e auxiliar a todos que nos solicitavam ao mesmo tempo.

Como o ambiente faz uso apenas da língua inglesa, meus alunos incorporaram à sua prática um pouco de inglês, mesmo sem querer. Assim, expressões como *link*, *sidebar*, *login*, *save*, *log out* e *comments* já são de seu uso, às segundas-feiras. Um novo conhecimento foi construído, sem ser necessariamente planejado e pensado com antecedência. Aliás, um conhecimento que estamos construindo juntos, pois estou aprendendo junto com eles a explorar este ambiente, apesar de já tê-lo conhecido há um pouco mais tempo. Este novo conhecimento mostrou-se necessário para os alunos na medida em que vivemos num mundo globalizado e dependemos de uma língua universal – a inglesa – para poder fazer uso pleno das TICs, como no caso o pbworks. Mas também necessitamos deste conhecimento para poder exercer plenamente nossa cidadania, já que incorporamos grande número de palavras da língua inglesa ao nosso cotidiano, como, por exemplo, num simples passeio ao “shopping”.

O uso do pbworks também tem possibilitado que os alunos melhorem sua escrita e ortografia, ao redigirem seus pequenos textos. E ainda têm aprendido um pouco de inglês, pois como o ambiente pede, eles já sabem algumas palavras, como “*Edit*, *save*, *comments*.” A partir dessas questões, relacionei com a teoria estudada ao longo do curso. “Assim, as representações de leitura, escrita e oralidade são construídas a partir de determinadas práticas culturais e estruturas sociais e de acordo com as demandas/necessidades da escola, etc.” (DALLA ZEN; TRINDADE, 2002).

Outro momento de percepção ocorreu durante um estudo de cartografia. Através dos mapas físicos apresentados, chamou-me à atenção o quanto os alunos ainda desconheciam os conceitos de mundo, país, estado, cidade e até mesmo bairro.

Muitas vezes creio que nós, professores, partimos do pressuposto de que nossos alunos entendem nosso vocabulário, compreendem conceitos que imaginamos já ser de seu domínio, enfim, que estão entendendo o que queremos

mostrar. Mas nem sempre isso acontece. E eles se calam para algumas vezes apenas ouvir, mesmo sem entender. Isso ficou evidente quando, em certo momento, visualizando os mapas em papel, um aluno perguntou:

- Por que tem que ser assim, tudo dividido em pedaços? Por que não pode ser uma coisa só, tudo/todos juntos?

Ao que eu respondi:

- Mas será que não estamos todos juntos? Quem sabe na próxima aula de informática podemos pesquisar e entender melhor sobre isso?

- Oba, isso mesmo!

Novamente usando a tecnologia da informação e da comunicação os alunos puderam ter uma melhor compreensão do seu espaço geográfico, através do *Google maps* e também o *earth*, onde, partindo da imagem do planeta, chegaram até o seu bairro, suas casas e até do campinho de futebol. Ao final da viagem virtual, o mesmo aluno comentou:

- Nossa, a gente é como se fosse só um grãozinho de areia...

Foram leituras de mundo como essas que cercaram o imaginário e que instigaram a vontade de aprender, já que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania. Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Fazer essa leitura demanda uma série de condições, que podem ser resumidas na necessidade de se realizar uma alfabetização cartográfica, e esse “é um processo que se inicia quando a criança reconhece e os lugares, conseguindo identificar as paisagens” (CASTELAR, 2000, p.30).

Num mundo em que a informação é veloz e atinge a todos, em todos os lugares, no mesmo instante, não é a distância o que vai impedir ou retardar o acesso

à informação, mas condições econômicas e/ou culturais, inscritas num processo social que exclui algumas (ou muitas) pessoas. A noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente.

A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva a criança a desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida. “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (FREIRE, 2001, p. 98).

No entanto, não podemos restringir a pesquisa somente às possibilidades disponibilizadas pela internet, pois sabemos que ela também nem sempre pode ser uma fonte confiável. É preciso que haja uma diversificação das fontes de informação, para que não fiquemos reféns de uma única mídia, como tem acontecido especialmente com alunos de periferia, que sofrem grande influência da TV por não terem acesso a outras fontes de informação. É preciso apresentar-lhes várias possibilidades, para que tenham condições de fazer suas escolhas, pois

são essas as atitudes que podem garantir a busca da identidade, a apropriação de instrumentos para participar na sociedade e o desenvolvimento de uma perspectiva crítica que, provavelmente, não será indiferente às condições e necessidades de seu tempo presente (GANDIN, 1989).

Sendo assim, também adotamos regularmente o uso do jornal local como fonte no desenvolvimento de atividades escolares. Este recurso da mídia impressa auxilia a que os alunos encontrem um sentido em seu cotidiano, expressando-se sobre assuntos discutidos na comunidade de sua cidade.

Em minha prática docente, sempre considerei o jornal local como um importante recurso pedagógico, especialmente numa cidade de tamanho médio como Novo Hamburgo, pois através da sua leitura vemos a cidade retratada e conseguimos fazer a empatia entre as suas/nossas necessidades. Especialmente

para alunos de 4º ano, que estudam a cidade, a leitura do jornal é imprescindível, pois é lá que estão todas as informações sobre a cidade e seus habitantes/cidadãos.

Durante as comemorações do aniversário da cidade, aproveitamos a série de reportagens publicadas para incrementar nossos estudos. Com fotos publicadas no Jornal NH, iniciamos a montagem de um mural com fotos antigas e atuais da cidade, onde os alunos puderam visualizar os mesmos locais no passado e no presente. Nesse mural, foram destacados os pontos turísticos da cidade conhecidos e também os desconhecidos pelos alunos.

Comparamos o jornal diário recebido sempre às segundas-feiras (no entanto somente nesse dia) com um exemplar do mesmo jornal, porém do ano de 1960, fazendo a relação entre as necessidades da época com as atuais. Neste momento, é necessário destacar a comparação entre o trem que no passado fazia a ligação da cidade com a capital e o projeto atual em desenvolvimento – do Trensurb – que assim como no passado certamente na atualidade novamente alavancará o desenvolvimento da cidade. Com esse estudo, foi possível perceber o engajamento da comunidade hamburguesa na conquista desses projetos, evidenciando para os alunos como se exerce a cidadania.

Posteriormente, passamos a fazer o comparativo entre o jornal impresso e também a edição online do mesmo jornal. Na versão online, munidos dos fones de ouvido, os alunos puderam, entre outros exemplos, visitar a feira do livro de uma cidade vizinha e suas apresentações culturais, através dos vídeos disponibilizados na página do jornal.

Numa conversa sobre a preferência dos alunos entre as duas maneiras de ler o jornal, eles assim se manifestaram:

Aluno A: Gosto mais do online porque no de papel as letras são mais pequenas.

Aluno B: Eu acho o jornal online mais legal porque a gente pode olhar vídeos, filmes e fotos, e o jornal em papel a gente só pode ver poucas fotos e as notícias.

Aluno C: *Eu gosto do jornal online porque ele tem mais folhas e mais imagens. A imagem no computador é mais bonita. Ele tem vídeos, música, filmes. Dá pra ver o mapa. Tem os lances do grenal. Receitas. E também tem notícias que não tem no de papel.*

Aluno D: *Os dois são bons, mas prefiro o online porque não tem que tá trocando de página.*

Aluno E: *Gosto muito dos dois, mas gosto de ler pessoalmente na minha mão o de papel. O de papel também é melhor porque entendo mais e também porque dá pra levar pra casa e a minha mãe gosta de ler também.*

Nesta etapa, os alunos evidenciaram perceberem-se como leitores e cidadãos inseridos na sua comunidade. É importante ressaltar que durante as leituras feitas, disponibilizadas pela mídia, seja impressa ou virtual, sempre era feito um comparativo entre a informação trazida e a realidade vivida pelos alunos, que assim foram aos poucos instruídos a ter um pensamento crítico em relação à informação, pois, como afirma Dewey (1959):

À proporção que a sociedade se torna mais complexa em estrutura e recursos, aumenta a necessidade do ensino e aprendizado formais ou intencionais. E quando progredem o ensino e aprendizagem formais, surge o perigo de criar-se indesejável separação entre a experiência adquirida em associações mais diretas e a adquirida nas escolas. Este perigo nunca foi maior que nos tempos atuais, em vista do rápido desenvolvimento, nos últimos poucos séculos, dos conhecimentos e espécies de aptidões técnicas. (DEWEY, 1959, p.10)

Durante o período de estágio, estava programada uma saída de campo ao centro histórico de Hamburgo Velho. Como preparação para esta saída, fizemos inicialmente uma visita virtual aos locais em estudo. Essa visita virtual foi imprescindível, pois as informações que receberam serviram como estímulo e despertaram a curiosidade nos alunos em conhecer pessoalmente os locais em questão.

Durante a visita virtual ao site da Fundação Scheffel, um dos locais a serem visitados, os alunos puderam visualizar algumas obras do artista. Em uma dessas obras, são retratadas pessoas seminuas. E isto foi motivo de piadinhas por parte de

alguns alunos, na maioria meninos. Nesse momento, fiz uma intervenção a todos, explicando-lhes o quanto era comum que os artistas pintassem o nu, de forma geral. Expliquei-lhes também o porquê e o significado que isso tem, em arte. Enfim, tive que dar uma rápida aula de arte para a qual não estava preparada, já que isso não fazia parte de meu planejamento prévio. “A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética.” (FREIRE, 1999, p.36.) Neste momento, houve o que Carvalho, Nevado e Menezes (2007) conferem a uma “aprendizagem incidente”, advinda da aplicação dessa arquitetura, adjacente ao que intencionalmente era para ser aprendido e onde os elementos que cercaram a atividade despertaram novas incertezas e a compreensão de conceitos provocados pela curiosidade e pelo momento de interação, ressignificando e aprimorando valores necessários à vida cidadã.

Posteriormente, durante a visitação, surpreenderam as guias locais com a participação que demonstraram. Diante da referida obra, a guia os questionou sobre qual seria o motivo de as pessoas do quadro estarem quase nuas. Eles responderam que era uma obra de arte e que retratava as pessoas como elas eram originalmente, pois afinal ninguém veio ao mundo usando roupas! A tecnologia da informação os preparou para o passeio de estudos.

Ao nos despedirmos da guia do local, uma aluna perguntou a ela:

- A gente pode trazer os pais aqui no fim de semana? Vai tá aberto?

- Sim, podem trazer os familiares. Mas façam isso logo, pois daqui a alguns dias estaremos cobrando cinco reais de ingresso para adultos. E por enquanto ainda é de graça.

Esse momento me deu muita satisfação, pois estava plantada a semente do processo de aquisição da cidadania, de participação na sociedade e no sentimento de pertencimento à sua comunidade. E como vimos no capítulo anterior, cidadania pressupõe todas as implicações decorrentes de uma vida em sociedade.



Figura 2: Com um clique se percorre qualquer distância. Mas como saber para onde ir?

No retorno a escola, a postagem das impressões resultou no texto produzido coletivamente pelos alunos sobre a saída de campo realizada, que evidencia os vários aprendizados que se deram e transcrito a seguir:

Nós do 4º ano B fizemos um passeio de estudos.

Começamos passando pelo Corpo de Bombeiros, Biblioteca Pública Municipal e Câmara de Vereadores.

Depois fomos para a Igreja Católica da Piedade. Olhamos toda ela, que é muito bonita. Tem um órgão que é um instrumento musical, que a gente nem conhecia. Pena que não deu pra ouvir. Vimos toda a via sacra, que conta a história da crucificação de Jesus. Fizemos nosso lanche no salão da comunidade, onde alguns gatos ficaram nos olhando.

A seguir embarcamos novamente no ônibus e fomos para a Galeria de Arte Sheffel. Lá vimos vários quadros. Tinha um quadro bem grande que parecia que a imagem acompanhava nossa movimentação. Era uma cena gaúcha e tinha uma cuiá no chão, que parecia que ficava sempre virada pro lado onde a gente estava. Ficamos sabendo que é uma técnica usada pelo artista, para dar este efeito.

Depois fomos para a Casa Schmitt – Presser, aonde vimos muitos objetos antigos como balança, ferro de passar roupa, sapato de madeira, espremedor de frutas e muitas outras coisas. A moça mostrava as coisas e perguntava o que era. Quase todas a gente reconhecia, mas a chapinha de

cabelo ninguém adivinhou. Ela não alisava o cabelo, ela deixava o cabelo ondulado! Aí a moça explicou que naquela época a moda era assim.

E outra novidade: a motorista do ônibus era uma mulher! A gente nunca tinha visto motorista de ônibus mulher. E bem novinha! Perguntamos a idade dela e ela disse que tinha 25 anos.

Estava chovendo, mas valeu a pena!

Para Oliveira, Costa e Moreira (2001), a informática pode ser um dos agentes transformadores da educação, trazendo contribuições como a de favorecer o trabalho do professor, enriquecendo e diversificando a sua forma de conduzir os processos de ensino e aprendizagem, bem como de ampliar os níveis de abordagem dos conteúdos em estudo. Também, que a informática proporciona uma nova dinâmica na construção do conhecimento.

[...] os ambientes informatizados de ensino estão permitindo ao educador seguir uma linha construtivista, que corresponde a desenvolver o potencial da criança por meio de uma construção que vise levar essa competência a patamares mais elevados, como o pensar logicamente, julgar certo e o errado, argumentar com os outros, num esforço de reciprocidade, de transmissão de idéias e de compreensão do que o outro diz. (DALBOSCO e BRANDÃO, p. 107, 2006)

Na segunda-feira seguinte, durante a hora das novidades do fim de semana, outro aluno (daqueles bem agitados), disse:

- Eu levei meu amigo lá na Casa Schmitt-Presser e na Fundação Scheffel.

- É mesmo? Que legal! E tua mãe também gostou do lugar?

- Ela não foi junto. Foi só eu e meu amigo. Ela tinha que trabalhar.

- Como assim? Vocês foram sozinhos? Que amigo é esse que foi contigo?

- Foi o Fulano, da 5ª série. A gente foi sozinho, sim.

Fiquei preocupada com os garotos andando sozinhos por aí. O local não é muito longe, fica num bairro vizinho, mesmo assim não achei conveniente. Mas depois lembrei que aquela era sua realidade. Ficam por aí mesmo, pela rua, e naquele momento aventuraram-se a ir mais longe. Nos dois sentidos! Ou seja: foram

mais longe não apenas no aspecto geográfico, mas, principalmente, no aspecto cultural, no desejo de ampliar seu conhecimento e de construir novos conhecimentos. Principalmente, também, de compartilhar esse novo conhecimento com um amigo, evidenciando um conceito de cidadania, que é a vida em sociedade compartilhada.

Em consonância com os autores, no relato da prática realizada é possível conferir os efeitos que as arquiteturas pedagógicas apresentadas denotaram no cotidiano das aulas e no desenvolvimento de apropriação de novas aprendizagens. Ao final do estágio, a turma se apresentou mais interessada e o cotidiano escolar mais significativo. O barulho já não incomodava, instigava, pois denotava curiosidade e empenho na realização das tarefas; a agitação se concentra nos valores que a turma determina e aplica no desenvolvimento das atividades e a minha docência se reconfigura como um ato de realização e estímulo a continuar pesquisando e aprendendo, junto com meus alunos, especialmente incorporando cada vez mais os recursos das Tecnologias da Informação e da Comunicação na prática pedagógica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De 2006 aos dias atuais, minha docência passou por inúmeras transformações. Foram muitos os desafios enfrentados e superados com leituras, trabalhos e discussões. Inúmeras foram as ferramentas e aplicativos envolvidos nesse processo. Foram quatro longos anos que culminaram nesse Trabalho de Conclusão de Curso.

Refletindo sobre a experiência realizada, percebi que o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação é uma importante ferramenta a ser usada no processo de inserção social, especialmente para alunos de periferia. Daí a ideia de levar essa temática para a sala de aula e promover esse elo com a turma durante a prática de estágio.

A prática de usar os recursos proporcionados pela tecnologia, principalmente o computador, foi inserida no dia a dia da sala de aula, pois acredito que neste ambiente nossas crianças estão familiarizadas por serem nativos digitais. Eu acredito que os alunos de escolas públicas, na maioria carentes deste recurso em suas casas, não podem ser privados desta alternativa que muito os aproxima da vida em sociedade.

Por isso, eu incorporei esta prática no meu trabalho docente, apesar do receio em não dominar completamente o computador e/ou possíveis ambientes de aprendizagem.

Considerarei que o processo de ensino-aprendizagem é bilateral, ou seja, professor-aluno/ aluno-professor. Portanto, ensinar com o computador é aprender junto com os alunos, num processo mútuo de construção do conhecimento.

O uso das TICs em nossas escolas públicas, inclusive fazendo esta incorporação também no projeto político pedagógico de cada instituição escolar, bem como a constante formação continuada para os professores/as nesta área, pode diminuir os excluídos digitais, facilitando a inclusão social, pois o uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação torna o conhecimento disponível a uma parcela da população até então excluída dele.

Pelo interesse demonstrado pelos alunos durante o desenvolvimento da experiência, percebi que as TICs devem estar o mais possível presentes na formação de nossas crianças, sendo importante que seja além do seu simples domínio instrumental, promovendo permanentemente uma atitude crítica em relação à interpretação e produção da informação.

Acredito que estas tecnologias devem estar plenamente integradas nas instituições educativas, dispondo alunos e professores de condições de acesso facilitado. As TICs devem estar plenamente integradas na atividade de ensino-aprendizagem, ao nível dos saberes disciplinares e transdisciplinares, e não só pelos professores mais interessados por este tema.

Durante o desenvolvimento da experiência, percebi que o computador inserido no contexto educacional é capaz de criar ambientes de aprendizagem motivadores para os alunos e, ao mesmo tempo, desafiadores para o professor/a, pois oportuniza um trabalho mais individualizado na construção do conhecimento.

Atualmente, os alunos objetos da pesquisa demonstram impaciência em esperar pelo dia da semana reservado a freqüentar o Laboratório de Informática e preocupam-se em recuperar este horário, caso o dia venha a coincidir com um feriado.

Outro aspecto que chamou à atenção foi a facilidade com que as crianças lidam com a tecnologia e sua capacidade de exploração ao usá-la. E neste aspecto tornaram-se meus orientadores, algumas vezes.

Diante do abordado na pesquisa, percebo que o advento das tecnologias na sociedade contemporânea provocou grandes mudanças em nossa vida, pois, hoje em dia, é difícil realizarmos uma atividade sem que haja a participação de algum aparelho tecnológico.

É claro que essas tecnologias já fazem parte da realidade escolar. No entanto, faz-se necessário ainda que os professores as incorporem às suas atividades para um novo “saber” no processo educacional. É preciso articular essas tecnologias ao contexto do educando, para que, assim, possam ser ampliadas as formas de interação e a construção de novas relações espaço-temporais. O dia-a-dia tem que ser trazido para a sala de aula, possibilitando aplicações práticas e a aprendizagem com base na experiência, realidade e necessidades do aluno.

A pesquisa possibilitou confirmar que o aluno deve interagir com o professor no intuito de trocarem informações e produzirem conhecimentos. Dessa forma, a partir do momento que o conhecimento é construído de forma colaborativa entre docente e discente, a visão de educação “bancária”, definida por Freire, na qual o aluno é passivo, onde são depositadas informações, deixa de existir. O centro que antes era focado no professor passa a movimentar-se, ora destacando o educador, ora o educando,

Ao articular as tecnologias da informação e da comunicação à minha prática pedagógica tornei possível uma aprendizagem para além dos muros da escola, através da exploração dos ambientes virtuais, no sentido de possibilitar aprendizagens tanto dentro como fora da escola.

Diante disso, concluo que é de suma importância que a escola relacione o fazer pedagógico com as tecnologias para que, assim, professores e alunos construam o conhecimento de forma articulada com os novos ambientes digitais. Dessa forma, além de romper com as barreiras da sala de aula, estaremos contribuindo para a formação de indivíduos críticos, participativos, competentes, atualizados, conscientes e preparados para a realidade em que vivem.

Acredito que se os professores e alunos tiverem a oportunidade de se apropriarem das TICs, tanto de acordo com as suas necessidades quanto das características da sociedade e da cultura contemporânea, através dos computadores, poderá ser criada uma atmosfera social menos excludente para a população e mais justa, de forma que os sujeitos tenham participação ativa na sociedade.

Por fim, fazer parte do Pead, desse contingente de educadores que, assim como eu, não dispunha de tempo regular, mas que se preocupa em manter a qualidade na educação, que conseqüentemente repercutirá na vida social e cidadã desses alunos, foi fundamental para o desenvolvimento dessa investigação aqui relatada.

Minha experiência apenas trafegou pelo mundo das TICs. No entanto, no momento em que a turma postava no pbworks, disponibilizando informações, reflexões, apontamentos importantes da realidade deles, eles compartilhavam muito mais que informações, criavam vínculos, interagiam com novas experiências.

Eles usaram entre si uma comunicação assíncrona, mas criaram coletivamente, cooperaram com a aprendizagem coletiva, e isso fez com que sua cultura e seu papel de cidadãos fossem incorporados ao cotidiano, valorizando os saberes escolares, que certamente articularam-nos à sua vida social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Inclusão Digital do Professor: formação e prática pedagógica**. São Paulo: Articulação, 2004.
- ALMEIDA, Fernando José de; JÚNIOR, Fernando Moraes Fonseca. **Proinfo - Projetos e Ambientes Inovadores**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.
- AKKARI, A. J. Desigualdades educativas estruturais no Brasil: entre Estado, privatização e descentralização. In **Educação e Sociedade**, ano XXII, n.74, abril 2001. p. 163 – 189.
- ARENDETT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CARVALHO, M.J. S., Nevado, R.A., Menezes, C.S.. Arquiteturas Pedagógicas para Educação a Distância: Concepções e Suporte Telemático. In: **Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, 2005, Juiz de Fora - MG. Workshop Arquiteturas Pedagógicas para Suporte à Educação a Distância Mediada pela Internet. 2005
- CASTELLAR, S.M.V. A alfabetização em geografia. In: **Espaços da Escola**, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.
- DALBOSCO, Jaqson; BRANDÃO, Edemilson Jorge Ramos, In: TEIXEIRA, Adriano Canabarro; BRANDÃO, Edemilson Jorge Ramos (org.). **Tecendo Caminhos em Informática na Educação**. Passo Fundo: Editora UPF - 2006.
- DALLA ZEN, Maria Isabel; TRINDADE, Iole Maria Faviero. In: XAVIER, Maria Luisa (org.). **Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2002.
- DEWEY, John. **Democracia e educação**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.
- GANDIN, D. In: PADRÓS, Enrique Serra (org.) **Ensino de história: formação de professores e cotidiano escolar**. Porto Alegre: EST, 2002.
- IBICT. **O Mapa da Inclusão Digital e suas definições**, 2008. Disponível em <<http://inclusao.ibict.br/index.php/component/content/article/159-textos/1076-o-mapa-da-inclusao-digital-e-suas-definicoes>> Acesso em 20/11/2010.
- LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MARTINS, M.C. **Criança e mídia: “diversa-mente” em ação em contextos educacionais**. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Artes, Unicamp, 2003.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, Celina Couto de (org.); COSTA, José Wilson da; MOREIRA, Mercia. **Ambientes Informatizados de Aprendizagem: Produção e Avaliação de Software Educativo**. Editora Papirus. Campinas, São Paulo, 2001.

PAIVA, In: INFOPÉDIA, 2004. Disponível em <<http://www.dapp.minedu.pt/nonio/docum/document.htm>> Acesso em: 20/09/2010.

PAPERT, Seymour. **A máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RATSKA, Adolph. Disponível em <<http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br>>. Acesso em 16/10/2010.

SILVA, H.; JAMBEIRO, O.; LIMA, J.; BRANDÃO, M. A. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ci. Inf.**, v. 34, n. 1, jan./abr. 2005, p. 28-36. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n1/a04v34n1.pdf>>. Acesso: 27/09/2010.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. **Exclusão Digital: a miséria na era da informação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

VALENTE, José Armando. As tecnologias digitais e os diferentes letramentos. **Revista pedagógica Pátio**, ano XI, novembro 2007/janeiro 2008, pag. 13.

VALENTE, José Armando. Diferentes usos do computador na Educação. In: **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: Unicamp, 1993.